

ENTRE PROFESSOR
E ALUNO: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO SOBRE
TRANSFERÊNCIA

Elisabete Aparecida Monteiro

ENTRE PROFESSOR
E ALUNO: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO SOBRE
TRANSFERÊNCIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monteiro, Elisabete Aparecida

Entre professor e aluno : um estudo psicanalítico sobre transferência / Elisabete Aparecida Monteiro. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-453-3

1. Educação – Finalidades e objetivos 2. Interação professor-alunos 3. Lacan, Jacques, [1901-1981] 4. Pedagogia 5. Psicanálise 6. Psicologia educacional I. Título.

16-07533

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Transferência na ação educativa :
Psicanálise e educação 370.15

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
imagem da capa: Klee, Paul (1879-1940)
Senecio, 1922, óleo sobre tela
Kunstmuseum Basileia, Siça

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

OUTUBRO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

*Aos meus pais, Dona Lourdes e Sr. Ayres,
mestres em humildade e honestidade.*

*A todos os mestres da minha vida que, alvos da minha
transferência, foram os inspiradores na escolha do tema.*

*Ao Prof. Dr. Leandro de Lajonquière,
pela clareza, sabedoria e disponibilidade
imprescindíveis, pela paciência incomum.*

*À amiga Silvia Sztterling Munimos,
pela preciosa leitura do texto.*

*À Fapesp, pela viabilização da pesquisa
que deu origem a esta publicação.*

À Luíza, lições de amor eterno.

Sumário

PREFÁCIO11
Leandro de Lajonquière

INTRODUÇÃO 15

DO RACIONALISMO AO CIENTIFICISMO:
A IDEIA DE ADEQUAÇÃO NO DISCURSO
PEDAGÓGICO19

O contexto: a assim chamada “sociedade do conhecimento” ♦ Tecnologias e descobertas científicas a serviço de uma “educação adequada” ♦ Desenvolvendo a capacidade de pensar ou o “aprender a aprender” ♦ A leitura cientificista do Construtivismo ♦ O conceito de “professor reflexivo” na formação de educadores ♦ Desenvolvimento de capacidades e inserção profissional: finalidades da educação?

O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA 55

O contexto freudiano ♦ A transferência de Freud ♦ A pré-história da transferência ♦ A teoria da transferência ♦ O contexto lacaniano ♦ A formação linguística do incons-

ciente – a constituição do sujeito ♦ *O desejo: motor do psiquismo* ♦ *O conceito de transferência em Lacan*

A PSICANÁLISE, A TRANSFERÊNCIA E
A IMPOSSIBILIDADE NA RELAÇÃO109

Sobre a possibilidade de uma educação ♦ *A transferência e o desejo de saber* ♦ *A transferência e a impossibilidade da educação* ♦ *As tentativas de se aplicar o conceito de transferência na ação educativa* ♦ *A “utilidade” do saber psicanalítico na educação*

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 147

BIBLIOGRAFIA..... 155

Prefácio

Sigmund Freud, em 1914, por ocasião de proferir um discurso de saudação pelo jubileu do 50º aniversário do liceu que frequentara, quando jovem, em Viena, afirmou:

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que, antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns se detiveram a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos? – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada. Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No

fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. (Freud 1914b, p. 286)

O título com o qual essa alocação foi incluída nas Obras Completas em língua portuguesa, editadas no Rio de Janeiro, é sumamente ilustrativo: Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Em outras palavras, Freud elucida aquilo que se processa nas cabecinhas dos jovens quando (em)prestam atenção a velhos implicados no professor. Há algo na personalidade do velho mestre-escola que professa, que influencia, toca, impacta os jovens candidatos a e(a) nunciar, por sua vez, as verdades das ciências. Isso em pauta, que faz as vezes de embreagem da mudança de posição existencial de discípulo a mestre no interior do campo da palavra e da linguagem, não é relativo à clareza e à distinção com as quais as epistêmes são ensinadas. Isso está precisamente ligado aos curiosos e pequenos detalhes da personalidade daqueles dedicados ao exercício paradoxal de uma mestria enunciativa. A mestria enunciativa deve ser pensada em outro registro, diferente daquele do imaginário controle autoral do discurso, pois, caso contrário, não haveria excentricidades na personalidade do mestre que cativassem à atenção desatenta de seus jovens ouvinte. Em suma, isso que desponta como ponto de fuga da mestria professoral é o desejo inconsciente, bem como a corrente oculta e constante da qual fala Freud é aquilo que ele mesmo chamou transferência.

Quando pedagogos e educadores se interessam pela psicanálise, bem como, particularmente, pela incidência desta no campo da educação e da formação, eles logo cifram suas esperanças na transferência. Eles bem entendem que esse conceito encerra a chave da operação educativa. Porém, será que eles estão dispostos a pagar o preço embutido nesse entendimento? A julgar pela análise elucidativa rea-

lizada por Elisabete Monteiro neste livro que você – caro leitor – tem em mãos, uma resposta afirmativa e prematura deve ser descartada. Nossa autora esmiúça a voracidade por métodos e certezas que caracteriza todo espírito pedagógico que se preze muito moderno e atual. Segundo Elisabete, é essa voracidade de controle e eficácia que alimenta tanto o desconhecimento da psicanálise quanto o interesse rápido e inadvertido que não poucas vezes há por ela no campo pedagógico. De fato, quando alguns interessados tomam contato com a psicanálise logo se iludem com a possibilidade de vir a manejar controladamente aquilo que eles creem entender por transferência na cena educativa em prol da produção de certos efeitos buscados com clareza e distinção.

Nesse contexto, a chegada deste livro é bem-vinda. Nele, o leitor ainda não familiarizado com a psicanálise, mas com interesse genuíno, poderá vir a se informar das condições de emergência do conceito de transferência no decorrer da invenção da psicanálise por Freud, bem como as precisões posteriormente aportadas por Jacques Lacan. A sua leitura possui, então, um valor propedêutico a toda incursão no campo dos estudos e pesquisas em educação. Aliás, permito-me observar que, no mercado editorial nacional, não contamos infelizmente com outros convites como este lançado por Elisabete Monteiro.

No entanto, a contribuição de nossa autora não termina aqui. Elisabete, no terceiro capítulo, discute sobre as consequências a serem tiradas do conceito de transferência no campo da educação e da formação ou, como ela mesma chama, da utilidade, entre aspas. Aqui se desenvolve de forma singular a torção necessária a ser operada entre a impossibilidade em torno da qual toda dramática educativa é encenada e o acontecimento de fato de mais uma educação.

Desejo-lhe, então, proveitosa leitura!

Leandro de Lajonquière

Professor Titular da USP e da Universidade de Paris 8
Membro fundador do LEPSI – USP.
Rosario (Argentina), outono de 2014

Introdução

O imaginário pedagógico anda povoado de fantasmas: fracasso escolar, indisciplina, evasão, depredação do patrimônio escolar, falta de motivação, entre outros. Quando algo vai mal, acredita-se que é porque falta uma adequação do ensino àquilo que a ciência diz sobre como se processa a educação. Segundo a pedagogia atual, os desvios nos objetivos educacionais estariam sob o controle do educador à medida que este estivesse munido dos saberes e adequasse sua prática à realidade psicológica de cada aluno em particular. Em suma, o conhecimento sobre o desenvolvimento das capacidades maturacionais permitiria ao professor uma relação mais adequada, que equivaleria ao controle dos efeitos causados pelo encontro professor-aluno.

Ocorre que, quando a pedagogia cientificamente justificada se (pre)ocupa com o melhor “ajuste” entre os conhecidos estímulos externos por parte do professor e as conhecidas capacidades internas do aluno, ela torna a própria ação educativa, mesmo que não deliberadamente, um fato de difícil acontecimento. Ao pretender adequar sua prática à realidade cognitiva e afetiva de cada aluno e instaurar supostos “métodos infalíveis”, ao procurar, enfim, a posição mais “adequada” na “relação” com cada um deles, o professor

deixa efetivamente de ocupar, do ponto de vista da Psicanálise, a posição de sujeito suposto saber.

A leitura psicanalítica – o estudo do inconsciente – não concebe o indivíduo que aprende como alguém que se constitui a partir de determinadas possibilidades previamente dadas, aguardando apenas pelo estímulo certo para “eclodir”. Ela nos conduz a uma compreensão distinta sobre a constituição dos *sujeitos* e nos indica, através da noção de transferência, a irredutibilidade e a imprevisibilidade do resultado do encontro entre tais sujeitos. Para essa teoria, o *sujeito* acha-se em permanente formação, em constante processo inconcluso de vir a ser. Na “relação” com o outro, ele está se constituindo, assim como esse outro.

Logo, para além dos venerados métodos e controles da Pedagogia, a Psicanálise considera ser a *transferência* presente na ação educativa (e nas “relações” entre as pessoas, de modo geral) o que permite que a educação realmente aconteça.

No primeiro capítulo, é tecido um panorama dos atuais paradigmas identificados no discurso pedagógico, como instância que arbitra sobre os vários rumos que a educação tem tomado. Destacam-se alguns contextos que alimentam a ideia de uma “Pedagogia Científica”, tais como: a adequação ao cenário global que se traduz por “sociedade do conhecimento”; a transmissão mais adequada, que se faz por meio dos recursos tecnológicos e demais descobertas científicas; a educação adequada ao mercado de trabalho; o lema do “aprender a aprender”, resultante das descobertas científicas sobre os processos cognitivos que pretensamente habilitam o professor à tarefa de “ensinar a aprender”; a abordagem científicista na tônica dada às teorias construtivistas; o “educador reflexivo”, que se debruça sobre o saber hipercomplexo, a partir do qual se pretende representar a pedagogia atual.

No segundo capítulo, apresenta-se o desenvolvimento do conceito de transferência, desde a sua “pré-história” em Freud até as contribuições mais recentes de Lacan, com o intuito de evitar que se pense, equivocadamente, na possibilidade de sua transposição para a prática educativa sob a forma, por exemplo, de “modelos de relação” ou “modelos transferenciais” passíveis de facilitar a ação educativa.

Quando nos perguntamos pelas contribuições da Psicanálise à Educação, o que se procura abordar mais claramente no terceiro capítulo, imediatamente surge a afirmativa freudiana sobre a impossibilidade de educar (junto com outros dois ofícios: governar e curar). Se, à primeira vista, tal afirmativa nos parece pessimista, ao procurarmos compreendê-la, damos-nos conta da extensão do que nos é colocado. O que de fato se reconhece nessa afirmação (e o conceito de transferência é uma das vias que nos leva a ela) é a impossibilidade da existência de uma ciência positiva da educação. O que persiste é uma educação possível, dentro dos limites desse encontro único e imprevisível entre sujeitos singulares.